

Sua marcante personalidade formou gerações de estudantes e grandes profissionais de seu moderno e respeitado escritório, que se projetou com destaque além das fronteiras do direito criminal.

Reunia, como poucos, vasto conhecimento jurídico e profunda experiência, deixando a seus leitores um espólio de centenas de densos livros, textos acadêmicos, manifestos e crônicas sobre os mais variados temas, sempre com rara precisão e objetividade, forjadas na redação do jornal Diário do Paraná, onde iniciou sua vida profissional.

Seus discursos transcendiam a razão dos manuais de Direito para ganhar força e emoção a partir dos clássicos da literatura, da história, do cinema e das artes plásticas, fontes de permanente inspiração para a composição do mosaico intelectual de **René Dotti**. Dotado de uma oratória cativante e uma postura inigualável, dominava o púlpito como o proscênio ao grande ator de teatro, paixão que cultivou quando moço.

Os personagens das grandes tragédias gregas, Dante, Padre Vieira, Camões, Churchill, Giotto, Michelangelo, Da Vinci e outros gigantes da civilização faziam-lhe permanente companhia, porque **René** compreendia melhor que ninguém a importância da arte para a humanidade, como lembrava Pablo Picasso ao falar sobre a formação do artista: *“ele é ao mesmo tempo um ser político, alerta aos acontecimentos tristes, alegres, violentos e para os quais reage de toda as maneiras. Não, a pintura não existe para decorar apartamentos. É um instrumento de guerra para operações de defesa e ataque contra o inimigo”*. Não por acaso emprestou, durante anos, suas qualidades pessoais à gestão da Cultura do Estado do Paraná.

Mas **René** não esquecia a importância das virtudes caseiras,

do cultivo das amizades e do amor familiar. Sua inconfundível voz embargava apenas ao se lembrar dos amados pais, o pintor de paredes Gabriel e a costureira Adelina. Marido exemplar e apaixonado de Dona Rosarita, pai orgulhoso de suas queridas filhas Claudia e Rogéria, outro de seus grandes legados para a advocacia, avô carinhoso de quatro netos.

Como seu aluno na graduação, mestrado e doutorado, colega de profissão e de Ordem, aprendi muito e lhe sou eternamente grato. Tive o privilégio de conviver e dialogar com **René** nos últimos vinte e cinco anos, mas considero impossível apontar seu maior atributo ou uma única característica que pudesse definir com justiça e exatidão sua vida e obra; um templo de conhecimento e cultura erigido com dedicação sacerdotal à ciência como instrumento de proteção dos direitos do Homem.

Emocionada com a partida de seu mais ilustre jurista, Curitiba derramava em forma de chuva suas lágrimas ao final de uma triste quinta-feira, enquanto, ao lado de sua esposa, prestei minha última reverência ao querido Professor René, acreditando, por um breve momento, estar no Mosteiro dos Jerônimos lendo os versos gravados no túmulo de Pessoa:

*“Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa.
Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.”*

NOTAS

¹ Ao lado de René Dotti, atuaram Élio Narézi, Luiz Carlos Pujol e Carlos Penna.

Autor convidado

O SER HUMANO RENÉ DOTTI

THE HUMAN BEING RENÉ DOTTI

Alexandre Knopfholz

Advogado sócio da Dotti e Advogados, mestre em Direito e professor de Processo Penal na graduação e pós-graduação do Centro Universitário Curitiba (Unicuritiba).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1570296992831017>

ORCID: 0000-0002-9338-8301

alexandre@dotti.adv.br

Resumo: René Dotti foi uma referência na advocacia criminal brasileira. Além de jurista, foi uma pessoa notável. Dentre suas características, destacam-se a humildade e a humanidade com que sempre se pautou em sua vida pessoal e profissional. Apesar da distância física, sempre estará presente naqueles que o conheceram.

Palavras-chave: René Dotti, Advocacia Criminal, Humildade, Humanidade, Lembrança.

Abstract: René Dotti was a criminal law reference in Brazil. In addition to being a lawyer, he was a remarkable person. Among his characteristics, the humility and humanity with which he has Always guided himself in his personal and professional life stand out. Despite the physical distance, he will always be present in those who knew him.

Keywords: René Dotti, Criminal Law, Humility, Humanity, Remembrance.

René Dotti foi um dos maiores criminalistas do Brasil. Jurista ímpar, advogado de prestígio e professor por vocação. Autor de obras de Direito Penal, anteprojetos de lei e detentor de prêmios e títulos.

Será sempre lembrado por seus ensinamentos, seu raciocínio rápido e sua contribuição para as ciências criminais.

Contudo, não é este **René Dotti** que homenageio neste texto. É o ser humano por trás do profissional de sucesso e do estudioso do Direito. Tive o privilégio de seu convívio por mais de 20 anos. E, posso dizer, que acima de sua – notável – capacidade intelectual e produção científica – ficará a saudade da pessoa que foi, de alma pura e coração bondoso que nem todos tiveram o prazer de conhecer.

“Aqui no Escritório nós trabalhamos de terno, sabe? A nossa profissão exige algumas formalidades.” O ano era 2000. Foi assim que o Prof. **René** se despediu após a minha entrevista de estágio. Essa foi a forma elegante e sutil de chamar a atenção do jovem que estava de calça jeans e camisa. Foi o meu primeiro encontro com ele. Como o quadro de estagiários estava completo, contratou-me como “auxiliar jurídico” pessoal. Com Carteira assinada e tudo. Eram horas e horas de pesquisas em Revistas dos Tribunais, Repositórios de Jurisprudência e sites de tribunais, que ainda engatinhavam em seus campos de busca. Com a modéstia que lhe era característica, o professor permitia ouvir de um acadêmico suas impressões das causas. Logo ele! O professor **René Dotti** (!), no alto de sua experiência e status profissional, escutava, pacientemente, as palavras do adolescente vestindo seus primeiros ternos. Ali, aprendi a primeira lição com o Prof. René: a humildade.

Um ano se passou. Tornei-me estagiário do Escritório. Passei a conviver com as causas mais de perto. Da teoria à prática. E, verificando o entra e sai de clientes por ele atendidos, notei tratar-se de clientela bastante eclética: eram empresários, políticos, advogados, e pessoas de alto poder aquisitivo, em busca do melhor profissional da área. Mas eram, também, e na mesma proporção, desempregados, cidadãos simples, vendedores de rua e pobres, na acepção mais objetiva da palavra. Não cobrava para o atendimento destes. E cuidava de seus casos com o mesmo zelo e dedicação com que atuava em casos de senadores e prefeitos. Não raro, as diligências que pedia com mais urgência eram para essa última classe de clientes. Lembro, vivamente, quando saí do Escritório às pressas para resolver o problema de um engraxate. Na sala de espera, o Governador aguardava ser atendido. Ali, aprendi a segunda lição com o Prof. **René**: a humanidade.

Formei-me em 2002. Continuei no Escritório. Passei a fazer parte do quadro profissional da renomada banca de advocacia. Passei a ter contato ainda mais próximo com o Prof. **René**. O aprendizado era diário. As reuniões de pauta, que religiosamente preenchiam o início de nossas manhãs, eram verdadeiras aulas. Aulas de técnica. A precisão cirúrgica das teses escolhidas; o zelo na elaboração das peças processuais; o cuidado na preparação de cada sustentação oral. A experiência na condução das causas. Mas eram, também, aulas de ética e respeito. Com o cliente, com a parte contrária e com o Magistrado. Fui orientado a ficar em pé quando o Juiz adentra à sala de audiências. Mesura determinada por um *gentleman* a todos os profissionais que trabalhavam com ele. Ali, aprendi a terceira lição com o Prof. **René**: o trinômio técnica, ética e respeito.

Nos anos seguintes, o Escritório cresceu, assim como eu. Junto com o Prof. **René**, vibrei nas vitórias, chorei nas derrotas. Sim, o vi chorar. Não apenas quando se lembrava de seus falecidos pais, mas também

quando lembrava das injustiças que vivenciou em sua carreira. Mas também o vi sorrir. Com cada conquista pessoal dos advogados e funcionários que com ele trabalharam. Da copeira ao sócio. Com as conquistas dos seus clientes e amigos. Com a sua nova condição de avô. Tive, ali, mais um aprendizado: a sensibilidade de alguém que, acima de tudo, é humano.

Quando, em 2006, meu avô faleceu, recebi dele uma carta – manuscrita, como de costume – em que me consolou. Ali constava: “*Há situações e momentos em nossa vida de tristeza, alegria ou outro sentimento que não pode ser expresso por palavras. E uma delas é interpretar o fenômeno da perda física de um ente querido, cuja companhia sempre foi estímulo ou, até mesmo, razão para viver. Mas a vida e Deus nos mostram que essas pessoas ainda continuam a desfrutar de nossa companhia e nos entusiasmam com seus exemplos de conduta, de ideias e de esperanças. A própria lembrança de alguém que não está fisicamente conosco é, também, uma presença.*”

Casei. Antes de casar, o Prof. **René** chamou-me em sua sala. Disse que era uma decisão correta. Que de nada adianta a vida sem família. Tive filhos. Recebi dele novos conselhos. Mal sabia o professor que a importância da família era demonstrada não apenas por suas palavras, mas por seus gestos de afeto com suas filhas Rogéria e Cláudia e seus netos Gabriel, Pedro, Lucas e Henrique. E, obviamente, pelo carinho por sua companheira de décadas, a quem demonstrava um amor e devoção incondicionais: sua esposa Rosarita. Recentemente, em tempos de pandemia, sem perder o humor, dizia-me que ficar em casa – em “*regime fechado*”, afirmava – estava sendo bom para que pudesse “*conhecer um pouco mais*” sua eterna companheira, a fim de “*ver se o relacionamento tinha futuro*”. Era, antes e acima de tudo, um homem-família.

Tornei-me professor. Novos conselhos. Falamos de cultura. Conversamos sobre arte, cinema, música e religião. Ele espírita; eu, judeu. E encontramos várias semelhanças nas diferenças e várias diferenças nas semelhanças. Falamos de política, economia e educação. Falamos, até, de Direito. Dele ganhei uma maravilhosa coleção das obras de Shakespeare. Mas ganhei, sobretudo, o privilégio de sentar ao seu lado e ouvi-lo falar sobre os mais diversos autores, músicos e cineastas. **René Dotti** era, antes de tudo, um culto.

E, acima de tudo, era um entusiasta da *esperança*, “*a mais doce companheira da alma*”, sempre lembrada por ele, citando o **Padre Antônio Vieira**. No início da *quarentena*, em 2020, mandou um e-mail de coragem para todos os integrantes do Escritório. Citando *A Peste*, de **Albert Camus**, incitou todos a não esmorecer, terminando com o seguinte trecho da obra: “*Nas profundezas do inverno, finalmente aprendi que dentro de mim há um verão invencível. Nesses tempos de espera, um novo capítulo é escrito. No final, há um começo.*”

Passados 21 anos, aquele adolescente de calça jeans cresceu. Com ele, cresceu a admiração e o respeito ao jurista técnico e ético, mas, acima de tudo, à pessoa humilde, sensível e humana que foi **René Dotti**. Releio a carta que dele recebi em 2006. Dali extraio mais uma de suas lições: o Prof. **René** sempre será lembrado. E, portanto, sempre estará presente.

Autor convidado

WAR ON DRUGS E ALGUMAS DAS IRRACIONALIDADES DO ART. 33 DA LEI 11.343/2006